

LITERATURA, IMAGEM E RESISTÊNCIA: O MUNDO SE DESPEDAÇA E O RESGATE DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Alessandra Santos Chagas (PPGL/UFPA)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar o papel da literatura na representação da relação entre colonizado e colonizador a partir do romance *O mundo se despedaça* (2009), do escritor nigeriano Chinua Achebe; além de estudar como essa relação altera a sociedade colonizada e seus costumes. Para isso, a pesquisa teve como aporte teórico os trabalhos de Bonnici (2005), Fanon (2008/1952), Santos (2008), Kilomba (2019) e Césaire (2020/1950); e contou com a leitura da *Trilogia Africana*, de Chinua Achebe, além de seus textos críticos. Com isso, observou-se que a partir da literatura de Achebe, considerada dentro de um contexto pós-colonial, houve uma transformação do imaginário sobre a África criado pela tradição literária colonial, inaugurando uma nova forma de escrever, a partir da perspectiva do colonizado. Além disso, Achebe possibilitou o surgimento de identidades positivas, assim como a valorização das memórias ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Literatura pós-colonial; Literatura nigeriana; Chinua Achebe.

LITERATURE, IMAGE AND RESISTANCE: *THINGS FALL APART* AND THE RESCUE OF ANCESTRAL MEMORIES

Abstract: This paper aims to investigate literature's role in the representation of the relationship between the colonized and the colonizer from Chinua Achebe's novel *Things fall apart* (2009); besides to study how this relationship changes the colonized society and its traditions. In order to do that, this work focused on the works of Bonnici (2005), Fanon (2008/1952), Santos (2008), Kilomba (2019) and Césaire (2020/1950); besides Achebe's *African Trilogy*, as well as his critical works. Hence, it was observed that Achebe's literature is characterized as a post-colonial writing and made it possible to change the image created by the colonial literary tradition, inaugurating a new way to write about Africa, considering the colonized's point of view. Furthermore, Achebe enabled the emergence of positive identities as well as the valorization of ancestral memories.

Keywords: Colonialism; Post-colonial literature; Nigerian literature; Chinua Achebe.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo investigar o papel da literatura na representação da relação entre colonizado e colonizador presente na ficção do escritor nigeriano Chinua Achebe, e como essa relação, por meio do uso de violência e práticas de invisibilização e sujeição, altera a sociedade colonizada e seus costumes.

A partir da ação colonial, focando-se nas ações exercidas pelo Império Britânico, os colonizadores desenvolveram diversas estratégias para se tornarem a principal – ou única – fonte de

poder político, econômico, social e religioso. Como exemplo, temos a criação de uma imagem negativa dos espaços e dos povos.

Essas imagens foram levadas para o restante do mundo por meio de jornais, cinema, cartas e de narrativas literárias criadas com base nos interesses do colonizador, sendo capazes de formar e perpetuar o imaginário europeu acerca do continente africano, além de alterar, muitas vezes, a forma como os próprios africanos viam a si mesmos. Criou-se, então, a imagem do africano-selvagem, que não possui capacidade de governar a si mesmo e que precisa, com urgência, ser salvo e civilizado pela “boa ação” dos europeus.

Grada Kilomba (2019) entende que, considerando-se os contextos pós-coloniais e racializados, escrever é uma maneira de se opor à opressão. Com isso, o ato de escrever dá a quem escreve a autonomia de si. Partindo dessa concepção, temos em Chinua Achebe uma escrita pós-colonial que pretende, ao longo de seus textos, resistir aos golpes lançados pela longa tradição literária colonial, resgatando os costumes e tradições de seu povo, reconfigurando e ressignificando a identidade Igbo¹, além de eliminar a imagem da África distorcida pela colonização.

Neste artigo, com base nos textos de Fanon (2008), Santos (2008), Achebe (2012a; 2012b), Kilomba (2019), Adichie (2019) e Césaire (2020), abordamos algumas reflexões sobre a colonização e como esta se apresentou como prática de desumanização e sujeição dos povos colonizados, tendo a literatura como um dos meios de (des)informação. Além disso, tomamos o romance *O mundo se despedaça* (2009) como uma fonte literária que representa uma mudança na imagem estabelecida pela colonização, bem como a inauguração do resgate de identidades africanas por meio da literatura.

2 CHINUA ACHEBE: LITERATURA E IDENTIDADE POSSÍVEIS

Nascido em 1930, o escritor nigeriano Chinua Achebe viveu grande parte de sua vida dentro do contexto colonial. Assim, Achebe esteve em contato com dois sistemas de referência distintos: o tradicional mundo Igbo, com as suas estruturas e organizações complexas; e a modernidade trazida pelo homem europeu. Filho de pai catequista, Achebe foi inserido, desde a primeira infância, no contexto britânico: educado em inglês, estudos regulares da Bíblia e escolas

¹ Os Igbo são um dos maiores grupos étnicos africanos, habitando as partes sul e sudeste da Nigéria, além de parte da Guiné-Bissau e de Camarões; com língua, religião e culturas próprias. Neste artigo, considera-se a representação literária dos Igbo-nigerianos.

missionárias. Porém, o contato com a cultura Igbo, ainda plenamente vivida por outras pessoas, permitiu ao autor criar a sua própria dialética:

Posso dizer que toda a minha carreira artística foi, provavelmente, desencadeada por essa tensão entre a religião Cristã dos meus pais, a qual nós seguíamos dentro de nossa casa, e a religião mais antiga de meus ancestrais, a qual, para a minha sorte, ainda estava viva do lado de fora da minha casa. Eu ainda tinha contato com um grande número de familiares não-convertidos ao Cristianismo e eles eram chamados, pelos novos convertidos, de pagãos. Quando meus pais não estavam observando, eu geralmente fugia durante à noite para visitar alguns desses parentes. Eles pareciam tão felizes em seus modos tradicionais de viver e trabalhar. Por que eles se recusavam a virar cristãos, como todo mundo ao seu redor? Eu estava decidido a descobrir. (ACHEBE, 2012b, p. 13, tradução nossa)².

Como aponta Pereira (2014, p. 26), “cultura e religião são dois elementos fundamentais para o entendimento da sociedade tradicional africana”. Portanto, a dicotomia na qual Achebe estava inserido, manifestada a partir de línguas, religiões e costumes distintos, permitiu que o escritor conhecesse e entendesse a sua realidade e, posteriormente, introduzisse-a em suas narrativas.

Em 1958, Chinua Achebe lançou o seu primeiro romance, *O mundo se despedaça*. Considerado como sua obra-prima até os dias atuais, o romance já foi traduzido para mais de 45 idiomas³, sendo, nas palavras do autor, “um livro que comemorava os costumes imemoriais de Ogidi pela primeira vez na ficção escrita” (ACHEBE, 2012a, p. 9). A partir dessa comemoração, vivida pela palavra escrita, Achebe possibilita o resgate desses costumes e se insere em um novo cenário literário, buscando a valorização de identidades e memórias ancestrais, além de devolver a dignidade roubada pela colonização.

Em linhas gerais, o romance, narrado a partir das experiências de Okonkwo, nos permite conhecer os costumes Igbo por meio da descrição detalhada de vários aspectos da vida na aldeia antes do choque cultural, dentre os quais citamos a língua, os provérbios, os gestos e a musicalidade. Além disso, o autor representa a experiência da colonização em seu território dividindo a narrativa em três momentos: 1) o pré-colonial, no qual apresenta o território e o povo Igbo, com seus costumes e crenças livres de qualquer contato com o estrangeiro; 2) o início do

2 No original: “I can say that my whole artistic career was probably sparked by this tension between the Christian religion of my parents, which we followed in our home, and the retreating, older religion of my ancestors, which fortunately for me was still active outside my home. I still had access to a number of relatives who had not converted to Christianity and were called heathens by the new converts. When my parents were not watching I would often sneak off in the evenings to visit some of these relatives. They seemed so very content in their traditional way of life and worship. Why would they refuse to become Christians, like everyone else around them? I was intent on finding out”.

3 De acordo com a revista *TAG – O mundo se despedaça* (2019, p. 1), dedicada especialmente ao livro.

período colonial, com o primeiro choque com o estrangeiro e início da convivência com o diferente; e 3) início da consolidação da ação colonial, com o estabelecimento de igrejas e sedes do governo britânico nas aldeias.

Em 1960, Achebe lança seu segundo romance, *A paz dura pouco*. Neste, acompanhamos Obi Okonkwo – neto da personagem principal do romance anterior – por volta dos anos de 1950, período que antecede a independência do país. Ao se mudar para Londres para estudar Inglês na universidade, Obi percebe a importância de seu país e de sua cultura, retornando à Nigéria e se deparando com uma sociedade marcada pela divisão entre o tradicional e o moderno, além da forte presença da corrupção e do racismo.

Já em 1964, o escritor lança seu terceiro romance, *A flecha de Deus*. Neste, acompanhamos o sacerdote Ezeulu, da aldeia de Umuaro. Por meio da vivência desta personagem, Achebe nos insere no contexto – dramático e vívido – da convivência entre os Igbo-nigerianos e seus colonizadores. A narrativa, portanto, contém a alternância entre dois pontos de vista, o tradicional Igbo e o novo, introduzido pelo homem britânico. Os três romances juntos formam a chamada *Trilogia Africana*.

A partir da trilogia, por meio da guinada no foco narrativo das literaturas que falam sobre a África, Achebe reconfigura o ato da escrita e transforma os rumos das literaturas africanas, dando voz para a experiência do colonizado. Além disso, destaca-se a importância de suas obras como uma maneira de se apropriar de sua própria narrativa, partindo da noção de que “a história pode ‘ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária’” (hooks, 1990, p. 152 apud KILOMBA, 2019, p. 27). Ressalta-se, porém, que sua carreira como escritor inclui poesia, ensaios, contos e livros infantis; e, em sua grande maioria, narram a vivência com o outro a partir do ponto de vista Igbo, dando ao seu povo – e a si mesmo – uma nova identidade.

Para Stuart Hall (2015), identidades são mutáveis, construídas e reconstruídas a partir das experiências vividas, individuais e coletivamente. Para o autor,

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente (HALL, 2015, p. 12).

Assim, considerando-se que narrativas são meios de representação cultural e podem proporcionar mudanças sociais e/ou políticas, reconhece-se nas obras de Achebe a possibilidade de novas identificações e, posteriormente, identidades outras. E é por meio da narração da experiência

do colonizado e a partir do primeiro choque com o homem ocidental que o escritor possibilita a mudança e substituição do imaginário criado pelos europeus, utilizando-se de imagens capazes de retratar as vivências Igbo-nigerianas de modo mais próximo da realidade deste povo.

3 COLONIZAÇÃO E LITERATURA: A CRIAÇÃO DO DISCURSO COLONIAL

Para Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo* (2020/1950), a colonização seria, em seu princípio, “uma forma de civilização que, em um momento de sua história, se vê obrigada internamente a estender à escala mundial a concorrência de suas economias antagônicas” (CÉSAIRE, 2020, p. 10). A partir dessa visão, inicia-se uma série de políticas e ações para que as grandes potências europeias possam aumentar seus domínios econômicos – com uma maior abertura de seu mercado – e também políticos.

No caso da Nigéria, a colonização teve início por volta de 1840 e, primeiramente, teve como objetivo cristianizar as pessoas daquele território, em uma espécie de missão salvacionista. A colonização, entretanto, transforma-se em ação política e econômica a partir de 1861, quando o Império Britânico anexa determinadas regiões ao seu domínio e cria diferentes protetorados, conquistando cada vez mais espaços. No entanto, de acordo com Falola e Heaton (2008), foi somente no ano de 1914 que as fronteiras da Nigéria como as conhecemos hoje foram estabelecidas e, a partir de então, pessoas de diversas etnias passaram a ser identificadas como “Pessoas sob o Protetorado Britânico” (ACHEBE, 2012a).

Considerando-se, portanto, que as ações coloniais foram muito além do viés expansionista, criam-se estratégias de dominação – políticas, sociais e de saberes – e sujeição de povos e nações lidos como inferiores e não-civilizados, colocando-os em um local subalternizado (SANTOS; MENESES, 2009). Para estes autores,

[...] o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 13).

A partir dessa definição, Santos & Meneses (2009) apontam duas formas de pensar a colonização: como relação política e como relação social. Para o viés político, temos uma relação entre o povo colonizado e o colonizador na qual “só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo

[...]” (CÉSAIRE, 2020, p. 23-24). Já para o viés social, o empreendimento colonial deslocou as posições ocupadas pelos pares dessa relação, fazendo com que os colonizadores se colocassem no centro, assumindo o papel de *sujeitos*; e os colonizados, representados no recorte desta pesquisa pelos Igbo-nigerianos, tornassem-se os *Outros*, desprovidos de direitos.

Dentro do contexto colonial, criaram-se estratégias pensadas para legitimar e justificar a barbárie. Destacam-se aqui duas formas muito utilizadas pelos colonizadores: a literatura e a criação de uma imagem negativa para os colonizados. Tais formas, muitas vezes inseparáveis, foram meios importantes para a formação do pensamento ocidental sobre a África, sendo utilizadas para benefício do colonizador.

De acordo com Achebe (2012a, p. 66), “contar a história do povo negro tem sido uma responsabilidade que os brancos tomaram para si, e eles o fizeram sobretudo para atender aos propósitos da gente branca”. Para contar essa história, portanto, os europeus escreveram uma série de narrativas de viagem e romances, nos quais os africanos eram retratados como seres selvagens, pois

Há muitos interesses psicológicos, políticos e econômicos investidos nessa imagem negativa. A razão é simples. Se você vai escravizar ou colonizar um povo, você não vai escrever um relato elogioso sobre ele, nem antes nem depois. Em vez disso, você vai descobrir ou inventar histórias terríveis sobre ele, de modo que seu ato de banditismo se torne algo fácil de você assumir. (ACHEBE, 2012a, p. 66-67).

Nasceu, assim, uma tradição literária responsável pela invenção de uma África difamada, “onde nada de bom acontece ou jamais aconteceu, uma África que ainda não foi descoberta e está à espera do primeiro visitante europeu para explorá-la, explicá-la e consertá-la” (ACHEBE, 2012a, p. 89). A exemplo dessa nova tradição, feita por vozes, mentes e interesses europeus, tem-se as obras *Coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad; e *Mister Johnson* (1939), de Joyce Cary, amplamente criticadas por Achebe por apresentarem “uma escrita sensacionalista sobre a África e sobre os africanos” (ACHEBE, 2000, p. 26, tradução nossa)⁴.

Entende-se, portanto, que a relação entre essa tradição literária e o empreendimento colonial era proporcional: quanto mais animalizados e selvagens fossem os povos do continente africano, mais necessária seria a colonização. Para Achebe (2012a, p. 160),

A dominação imperial exigia uma nova linguagem para descrever o mundo que havia criado e as pessoas que havia subjugado. Não é de surpreender que essa nova linguagem não louva esses povos subjugados nem os celebra como heróis. Pelo contrário, ela pinta as cores mais extravagantes. A África, principal alvo do imperialismo europeu, onde

4 No original: “sensational writing about Africa and Africans”.

praticamente nem um só palmo de terra escapou ao destino da ocupação imperialista, naturalmente recebeu em cheio o golpe dessas definições negativas. (ACHEBE 2012a, p. 160)

Essas imagens negativas criam o que a escritora chama de “história única” (ADICHIE, 2019). Histórias únicas, para ela, são narrativas criadas a partir de um único ponto de vista, levando em consideração os desejos, poderes e interesses de quem as contam. O perigo de conhecer a história a partir de um único ponto de vista é que, dessa forma, são criados estereótipos incompletos para aquilo que se retrata. E, no caso da história única da África, contada pelos europeus, tais estereótipos existem para “mostrar a imoralidade e a degradação dos africanos” (HAMMOND & JABLOW, 1992, 22-23 apud ACHEBE, 2012, p. 84).

Além disso, as histórias únicas consolidam os discursos coloniais – os quais são diculgados no intuito de negar subjetividades e fortalecer as dominações e intervenções coloniais – e oficializam uma história-memória única. De acordo com Pollak (1989), existem dois tipos de memórias: a memória oficial, caracterizada por representar imagens e versões da realidade moldadas a partir dos interesses daqueles que detém o poder; e a memória subterrânea, produzida por grupos integrantes “das culturas minoritárias e dominadas” (POLLAK, 1989, p. 4), que estabelece um rompimento com a memória oficial por meio da narração da outra história, geralmente a história do vencido.

Por serem memórias contrastantes, surgem entre elas uma série de disputas, na qual, de um lado, estão os grupos que desejam manter a memória oficial como verdade e, do outro, os grupos silenciados buscando uma “revisão da memória coletiva” (POLLAK, 1989, p. 4). Pensando na produção literária de Achebe, percebe-se que suas narrativas são direcionadas para a valorização das ancestralidades apagadas por colonizadores, rompendo com a memória que se quis oficial e reivindicando a reinterpretação do passado.

Destaca-se também que, para quebrar os estereótipos criados pelo discurso colonial, é preciso realizar o exercício da tomada de consciência de que se é vítima de relações de poder e opressão, como ressalta Achebe (2012a). Para o escritor,

Responder à opressão com a resistência apropriada exige dois tipos de conhecimento: em primeiro lugar, o autoconhecimento da vítima, ou seja, a consciência de que a opressão existe [...]; em segundo lugar, a vítima deve saber quem é o inimigo. Ela deve saber o nome real do seu opressor. (ACHEBE, 2012a, p. 62)

Assim, Achebe resolve escrever a sua narrativa a partir de seu ponto de vista enquanto

Igbo-nigeriano. Com isso, o escritor inaugura uma nova tradição para as literaturas africanas, que passam a se engajar com suas próprias histórias e começam a desfazer a imagem negativa criada pelos colonizadores. Isso leva-o, portanto, para o exercício de desalienação, o qual “exige tomada de consciência das realidades” (FANON, 2008, p. 28) e permite que se deixe de lado a identificação com o branco colonizador, identificando-se, portanto, com seu passado e sua história, tornando-se o *sujeito* de sua vida e literatura.

Para tornar-se *sujeito*, de acordo com Kilomba (2019), faz-se necessário ultrapassar, por parte do sujeito negro, uma sequência de cinco mecanismos de defesa do ego⁵. Um desses mecanismos é a identificação, por meio da qual

o sujeito negro inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras: sua(s) história(s), suas biografias, suas experiências, seus conhecimentos, etc. Essa série de identificações previne o sujeito negro da identificação alienante com a branquitude. Em vez de se identificar com a/o “outra/o” branca/o, desenvolve-se uma identificação positiva com a sua própria negritude, o que por sua vez, leva a um sentimento de segurança interior e de autorreconhecimento. (KILOMBA, 2019, p. 237, grifos da autora).

Percebe-se, então, que esse processo gera duas respostas positivas para o sujeito negro e colonizado. A primeira é que o sujeito, individual e coletivo, passa a ter uma referência positiva para si e de si, pois a partir da experiência do outro e da relação de alteridade estabelecida entre eles, passa a (re)criar seus conhecimentos e experiências. A segunda resposta é que, por meio da identificação, cria-se um exercício contínuo de transformação e (re)criação de identidades.

Portanto, temos a partir da escrita de Chinua Achebe uma nova representação literária da África e uma reconfiguração da história, das identidades e da relação do sujeito consigo mesmo, possibilitando a superação de traumas deixados pela colonização e pela divulgação de imagens distorcidas da África e dos africanos.

4 O MUNDO SE DESPEDAÇA: A LITERATURA PÓS-COLONIAL E UMA NOVA REPRESENTAÇÃO

A nova forma de representar a África e suas culturas se intensificou dentro de um contexto pós-colonial, a partir dos movimentos de independência dos países africanos e da consciência e engajamento de escritores com questões sociais e políticas presentes no continente. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, o pós-colonialismo é

um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos

⁵ Os cinco mecanismos citados pela autora são: negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização. (KILOMBA, 2019, p. 235).

culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória. (SANTOS, 2008, p. 18)

Assim, entendemos o pós-colonialismo como um espaço onde os sujeitos que foram subjugados pela ação colonial se movimentam para sair desse lugar imposto pelo colonizador e passam a produzir novos saberes, ciências e referências – críticas e literárias. Já a definição do que vem a ser a literatura pós-colonial pode apresentar dois significados, como aponta Bonnici (2005). Para o autor, o primeiro significado, conhecido como “arquivo temporal”, segue a cronologia histórica, englobando obras que foram produzidas depois do fim da colonização; o segundo, chamado “arquivo ideológico”, segue um critério mais amplo e considera “todas as atividades e todos os acontecimentos a partir da colonização até o presente” (BONNICI, 2005, p. 10).

Adotando o segundo significado apontado por Bonnici (2005), compreende-se a obra *O mundo se despedaça* (2009) como um romance pós-colonial, pois este, apesar de ter sido lançado dois anos antes da independência nigeriana, que só ocorreu em 1960, caracteriza-se como uma obra que

narra ficcionalmente eventos de povos colonizados e cria uma estética a partir do excluído. Esses eventos oferecem uma percepção aguda sobre a vida daqueles cuja identidade e cultura foram transformadas pelo colonialismo. (BONNICI, 2005, p. 11).

Ao adotarmos este significado, entendemos que o romance africano pós-colonial é lido “também como um grito de revolta, um ato de resistência cultural” (CARBONIERI; FREITAS; SILVA, 2013, p. 2). O romance de Achebe é, então, uma forma literária capaz de levar para fora do continente africano o outro lado da história, contada a partir de seu próprio ponto de vista e apresentar aos leitores a África e suas tradições, civilizações e religiões livres dos estereótipos europeus.

Para Adichie (2019, p. 32),

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32),

Nesse contexto, tem-se em Chinua Achebe o compromisso de valorizar e reescrever a

história da Igbolândia⁶. Ao fazê-lo, Achebe se movimenta dentro da relação criada entre colonizados e colonizadores, saindo da posição pré-determinada de *Outro*, assumindo o lugar de *sujeito*. Para Grada Kilomba (2019), esse movimento é um ato político, uma vez que, em um contexto colonial, “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais [...] e nomeia uma realidade que fora erroneamente ou sequer fora nomeada”. No caso de Achebe e do seu romance de estreia, a escrita se caracteriza como um ato de reconfiguração de uma realidade que vem de uma longa tradição de representações errôneas. Ao fazer isso, além de resgatar a sua identidade, Achebe inscreve as tradições Igbo-nigerianas na literatura escrita, africana e mundial e, ainda, torna-se *sujeito*.

Ao tornar-se *sujeito* por meio da escrita, Achebe inicia um exercício que leva outros escritores africanos, atravessados pela experiência traumática da colonização, a deslocarem-se também, afastando-se cada vez mais da posição e da identificação marginalizadas. A exemplo desse movimento, tem-se a escritora nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie, a qual declarou que

por causa de autores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia [...]. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros. (ADICHIE, 2019, p. 13-14).

Partindo, portanto, desse novo lugar, não mais à margem, e conhecendo a opressão e os danos causados pelo colonialismo, *O mundo se despedaça* (2009) se torna a fala do *sujeito* decolonial. Achebe fala daquilo que foi ignorado, fazendo com que o mundo e, principalmente, o homem branco colonizador, conheça e lide com aquilo que por muito tempo foi negado e silenciado.

A respeito de seu livro, o autor declara que “os personagens são normais e o que ocorre com eles são ocorrências humanas reais” (ACHEBE, 2012, p. 128). Assim, a narrativa se encaminha para um novo lugar, muito importante para os africanos: a narração de sua própria história, unindo, de maneira condensada, realidade e ficção.

Para Silva (2009), no texto “Este livro de Chinua Achebe”, apresentado como a introdução do romance, a narrativa criada por Achebe em *O mundo se despedaça*

é a evocação daquele instante em que o povo ibo saiu de seu isolamento para o doloroso diálogo com o resto do mundo, da segurança de uma fechada unidade para as dúvidas de um universo mais vasto, por meio da dura experiência do domínio estrangeiro. (SILVA,

6 Localizada no Sudeste da Nigéria, a Igbolândia corresponde ao território ocupado pelos Igbo nigerianos.

2009, p. 14)

Como já mencionado, o romance é narrado a partir das experiências de Okonkwo e da forma como este encara sua religião, seus costumes e as leis de sua aldeia; bem como pela forma como se posiciona diante das mudanças advindas do processo colonial.

Okonkwo, um lutador muito respeitado em sua aldeia, caracteriza-se por ser uma personagem complexa, pois, externamente, representa todas as qualidades positivas de um homem Igbo, com sua força, seu roçado e seus títulos⁷; internamente, porém, a personagem vive sua vida às sombras do medo – de ser igual ao pai, de falhar para com sua aldeia:

Mas toda sua vida era dominada pelo medo, o medo do fracasso e da fraqueza. Era um medo mais profundo e íntimo do que o medo do mal, dos deuses caprichosos e da magia, do que o medo da floresta e das forças malignas da natureza, de garras e dentes vermelhos. O medo de Okonkwo era maior do que todos esses medos. Não se manifestava externamente; jazia no centro de seu ser. Era o medo de si próprio, de que afinal descobrissem que ele se parecia com seu pai [...]. Foi assim que Okonkwo se viu dominado por uma paixão: odiar tudo aquilo que seu pai, Unoka, amara. (ACHEBE, 2009, p. 33).

Porém, apesar desse grande medo – ou a partir dele –, Okonkwo foi capaz de construir seu grande legado Igbo: bravo lutador, possuidor de dois títulos, marido de três esposas e pai de onze filhos, respeitado nas nove aldeias de seu clã.

Neste tópico, apresentamos alguns episódios do romance para ilustrar a maneira com que Achebe representa em sua literatura três momentos importantes para a história de seu povo: as tradições Igbo; a chegada dos colonizadores e a consolidação da atividade colonial, com o uso de violências e práticas de dominação.

4.1 Tradições igbo

Ao falar sobre o romance, Alberto da Costa e Silva diz que, nele, “Tudo fez-se permanente pela palavra escrita: gestos, usos, maneiras de ser, de sentir e de pensar, formas de trabalho, de jogo e de festa [...] o preparo e a colheita” (SILVA, 2009, p. 14). Percebemos, então, que é a partir da narrativa que Achebe nos introduz diversos costumes e tradições Igbo, enriquecendo o texto com provérbios, canções, repetições – as quais aproximam a narrativa da oralidade –, bem como rituais,

⁷ A sociedade Igbo era marcada por uma forte divisão hierárquica de títulos. Estes eram reservados àqueles que possuíam grandes produções em seus roçados e tinham condições de arcar com as despesas requeridas pelos títulos. De acordo com Silva (2009, p. 9), “só os ricos podiam aspirar ao elevado título de *ozo* ou *ogbuefi*”. Cada título trazia consigo uma marca externa, como as tornozeleiras utilizadas pelos grandes chefes.

comidas e bebidas. Desde os aspectos mais simples, como a estrutura dos *compounds*⁸ até os aspectos mais complexos, como os conflitos e suas resoluções entre aldeias vizinhas, tudo se faz presente e vivo ao longo do romance.

As descrições de Achebe – e suas obras como um todo – são muito importantes para as literaturas africanas, pois, preocupado em escrever uma imagem mais coerente com sua realidade, o escritor traz luz para “uma área antes mergulhada na escuridão” (ACHEBE, 2012, p. 100). E é por meio dessa escrita detalhada que o escritor coloca sua sociedade como uma civilização completa, com suas próprias leis, religião e organização política, a qual

se esboçava na influência dos anciãos e chefes de linhagens, na força dos oráculos, na atividade conciliadora, judicante e punitiva das sociedades secretas de mascarados [...], nos grupos de idade, no escalonamento dos títulos honoríficos. (SILVA, 2009, p. 8).

Com isso, Achebe serve de exemplo para escritores de outros países recém-independentes. A seguir, são apresentados dois elementos que, dentro da narrativa, encarregam-se de trazer para o leitor as experiências tradicionais do povo Igbo.

4.1.1 Festival do Novo Inhame

O Festival do Novo Inhame era uma celebração muito importante e “uma ocasião de alegria na aldeia” (ACHEBE, 2009, p. 57). Tinha duração de dias e várias tradições o integravam, como por exemplo a reunião de familiares, as danças e as lutas corporais, anunciadas pelo inconfundível tocar de tambores e realizadas entre membros de diferentes aldeias.

A Festa do Novo Inhame vinha chegando, e Umuófia estava com uma disposição festiva. Era esse o momento de agradecer a Ani, a deusa da terra e fonte de toda fertilidade. De todas as deidades, Ani era a que desempenhava papel mais importante na vida do povo. Era o juiz supremo da moral e da conduta [...]. O Festival do Novo Inhame realizava-se todos os anos, antes do início da colheita, em homenagem à deusa da terra e aos espíritos ancestrais do clã. Os inhames novos não podiam ser comidos sem que antes fossem oferecidos a Ani e aos antepassados. Homens e mulheres, jovens e velhos esperavam com ansiedade o Festival do Novo Inhame, porque com ele se iniciava a estação da plenitude – o novo ano. (ACHEBE, 2009, p. 56)

Na representação do Festival, além de conhecermos a tradição em si, Achebe permite ao leitor conhecer, também, algumas ‘regras’ sociais, como: os mais velhos levavam para o *ilo*⁹ os seus

⁸ *Compound* é um conjunto de habitações onde mora uma mesma família. Geralmente, os *compounds* são cercados por muros de barro vermelho. A casa principal de cada *compound* é a casa do homem chefe de família, e sua casa recebe o nome de *obi*. Cada esposa possui sua própria casa.

⁹ Praça central da aldeia, onde são realizadas reuniões, lutas e todos os eventos importantes.

próprios tambores; a preparação dos *compounds* e a limpeza cuidadosa de “panelas, cabaças e tachos de madeira [...] e ainda mais o pilão de madeira no qual se socava o inhame” (ACHEBE, 2009, p. 57), reforçando a importância da deusa Ani para a vida da aldeia.

i. Os egwugwus

A presença e a importância dos *egwugwus* para a sociedade Igbo é muito forte na narrativa e na religiosidade do povo: os *egwugwus* são os espíritos dos ancestrais e voltam para o mundo dos vivos através dos corpos dos grandes líderes.

Apesar de serem muito importantes para a manutenção da ordem e para a proteção da aldeia, esses espíritos incorporados eram muito temidos no clã, majoritariamente pelas mulheres e crianças. Esse temor se baseava, principalmente, pela aparência:

Cada um dos nove *egwugwus* representava uma das aldeias da tribo [...]. O *egwugwu* de andar saltitante era um dos antepassados da etnia. Tinha um aspecto horripilante, com seu corpo de ráfia a exalar fumaça e uma gigantesca máscara de madeira, toda pintada de branco. (ACHEBE, 2009, p. 108-109).

Como a sociedade Igbo dá muito valor aos antepassados e aos ancestrais, aos costumes e ensinamentos deixados por eles, especialmente na primeira parte da narrativa, os *egwugwus* são considerados a autoridade máxima e representam, portanto, o senso de organização, justiça e civilidade dos Igbo – fatos ignorados pelos colonizadores.

b. Colonização

Ainda apresentando aspectos importantes de suas culturas e leis, o escritor, de maneira fluida e ritmada, encaminha sua narrativa para o momento no qual a sociedade Igbo do final do século XIX se encontra no processo de transformação: o início da colonização.

Nesse ponto, já é possível reconhecer Okonkwo um grande respeito pelas leis que regem, de maneira positiva para os grandes líderes, a vida de seu clã. Porém “Achebe não nos deixa ignorar que a harmonia predominante nos vilarejos ibos também tinha suas fraturas. Fraturas que o homem branco, ao chegar, logo identificou em seu proveito” (SILVA, 2009, p. 9). Assim, o contexto da colonização é retratado em *O mundo se despedaça* (2009) a partir da segunda parte, quando a personagem Obierika conta para Okonkwo como se deu o primeiro contato entre o homem Igbo e o homem branco:

— Não, não era um albino. Era um homem completamente diferente. E chegou montado num cavalo de ferro. Os primeiros que o viram fugiram correndo; mas o tal homem

continuou no mesmo lugar, acenando para que voltassem. Finalmente, os mais destemidos resolveram aproximar-se e chegaram até a tocá-lo. Os anciãos consultaram o Oráculo e este declarou que aquele homem estranho causaria a ruína do clã e espalharia a destruição entre eles [...]. Por isso eles mataram o homem branco e penduraram seu cavalo de ferro na árvore sagrada, pois parecia pretender fugir a qualquer instante, para ir chamar os amigos do tal homem. Esqueci de mencionar uma outra coisa que o Oráculo falou. Ele disse também que mais homens brancos estavam a caminho. Eram gafanhotos, falou o Oráculo, e aquele primeiro homem era o batedor dos demais, enviado por seus companheiros para explorar o terreno. Por isso resolveram matá-lo. [...]. E foi justamente num desses dias que aconteceu a tragédia. Os três homens brancos e um grande número de outros homens cercaram o mercado. Certamente devem ter empregado um feitiço muito poderoso, que os tornou invisíveis até o mercado ficar cheio de gente. Nesse momento, começaram a atirar. Todos morreram [...]. A aldeia, agora, está completamente vazia. Até mesmo os peixes sagrados desapareceram de seu misterioso lago, cujas águas ficaram cor de sangue. Um grande malefício caiu sobre aquela terra, tal como anunciara o Oráculo.” (ACHEBE, 2009, p. 159-160).

No episódio citado acima, Achebe representa o choque inicial dos Igbo ao se encontrarem diante do estranho, do estrangeiro, e nos mostra uma civilização que tem o “princípio da ruína” (CÉSAIRE, 2020) introduzido pelo homem branco, estrangeiro e colonizador. Com pessoas e objetos diferentes de suas realidades, como por exemplo a bicicleta chamada de “cavalo de ferro”, a experiência com o heterogêneo se dá de maneira violenta: inicialmente – e como forma de defesa de sua unidade – por parte dos Igbo de Abame e, posteriormente, por parte dos homens brancos.

Para Aimé Césaire, pensar os atos bárbaros da colonização é muito importante, pois permite “descivilizar o colonizador; para brutaliza-lo no sentido apropriado da palavra, degrada-lo, desperta-lo para instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral” (CÉSAIRE, 2020, p. 17). Portanto, escrever esses episódios de violência e extermínio de pessoas Igbo faz com que Achebe se posicione contra o sistema colonial e desmascare a colonização, apagando a imagem criada de ‘colonização como um ato de salvação’.

Além da violência física e do extermínio de povos e aldeias, entretanto, a colonização britânica no território Igbo também se deu por meio da catequização e da escolarização. Achebe (2012), em seu ensaio intitulado “Dizendo nosso verdadeiro nome”, ressalta que “A penetração britânica na África Ocidental na segunda metade do século XIX não foi conseguida apenas nos campos de batalha [...] mas também em casa, nas igrejas, nas escolas” (ACHEBE, 2012, p. 67). Essa segunda vertente da colonização também é representada em seu romance, focando nas ações missionárias da igreja britânica.

Após dois anos, os missionários chegam a Umuófia, aldeia de Okonkwo. Este, por se encontrar em exílio¹⁰ na aldeia Mbanta, não sabia que o empreendimento colonial já havia chegado

10 Na narrativa, durante o casamento do filho de Ezeudu, amigo de Okonkwo, há uma grande tragédia: a arma de

em sua terra natal. Porém, a partir da visita de seu amigo Obierika, Okonkwo toma conhecimento da situação:

Os missionários tinham chegado a Umuófia. Ali, construíram uma igreja, lograram algumas conversões e já começavam a enviar catequistas às cidades e aldeias vizinhas. Isso constituía motivo de grande pesar para os líderes do clã, embora muitos deles acreditassem que aquela estranha fé, bem como o deus do homem branco, não durariam. (ACHEBE, 2009, p. 163).

A igreja estrangeira se estabelece. No romance, seus primeiros adeptos são os Igbo esquecidos pela religião tradicional: os gêmeos, costumeiramente abandonados na Floresta Maldita para morrerem, os *osus*¹¹ e pessoas sem títulos. Apesar de se localizarem na Floresta Maldita, espaço “povoado de forças sinistras e poderes da escuridão” (ACHEBE, 2009, p. 169), as igrejas se fortalecem cada vez mais, ganhando novos adeptos com uma velocidade preocupante.

Dentre os novos cristãos, encontra-se Nwoye, filho mais velho de Okonkwo. Fascinado pela nova religião e pelas músicas que ouvia ao passar em frente à igreja, Nwoye se sentia contemplado e abraçado pela religião nascente. Após vários momentos de hesitação, ele finalmente cedeu. Passou a frequentar a escola dos brancos, aceitou o nome europeu Isaac e nutriu o desejo de retornar para a aldeia de seu pai e converter sua mãe, irmãos e irmãs à nova crença.

Entre Okonkwo e Nwoye se estabeleceu um novo tipo de relação. Não mais existia o respeito entre pai e filho, nem empatia. Pelo contrário: Okonkwo passa a acreditar que foi amaldiçoado com um filho como Nwoye, pois o que este fizera foi uma verdadeira abominação. Essa nova característica da relação das personagens, no entanto, nos coloca diante de uma dicotomia presente em muitas relações transpassadas pela colonização: aquele que resiste às imposições do colonizador; e aquele que as aceita.

O episódio do exílio de Okonkwo e sua família, apesar de ter acontecido para o cumprimento de uma lei tradicional Igbo, configura-se como um dos pontos principais da narrativa, pois, a partir dele, conhecemos a determinação de Okonkwo e, mais importante, vemos o impacto com que este, ao retornar para o seu clã, enxerga as transformações em sua aldeia, impostas pela colonização.

Okonkwo dispara, sem querer, e atinge o noivo. Achebe escreve: “Para Okonkwo só havia uma opção: fugir do clã, pois matar um de seus membros era um crime contra a deusa da terra, e aquele que o cometesse via-se obrigado a abandonar a região. O crime podia ser de dois tipos, masculino ou feminino. O que Okonkwo cometera era feminino, porque fora por acaso. Por isso, passados sete anos, ele poderia retornar ao clã.” (ACHEBE, 2009, p. 143).

11 “Um *osu* era uma pessoa dedicada a um deus, uma coisa posta de lado — um tabu para sempre, assim como todos os filhos que viesse a ter [...]. Na realidade, era um proscrito que vivia numa área especial da aldeia. Aonde quer que fosse, levava em si a marca de sua casta marginalizada” (ACHEBE, 2010, p. 178).

Durante os sete anos de exílio, Okonkwo trabalha duro para ter condições de reconstruir os padrões de sua vida anterior. Porém, seus planos são frustrados, pois já havia perdido seu lugar entre os *egwugwu*; Umuófia havia se tornado o quartel general do governo britânico; perdera seu filho para a religião crescente; e, o mais perigoso para um homem com o espírito de lutador, os ingleses haviam estabelecido um novo governo e construído uma prisão, local onde se dá a verdadeira fratura da identidade de Okonkwo.

c. *Violência, apagamento e sujeição*

Para Césaire (2020, p. 25), a ação colonial deixa

sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. (CÉSAIRE 2020, p. 2)

A partir do romance de Achebe percebemos, então, um grande contraste entre a realidade Igbo e as novas formas que esta vinha ganhando, além de muitas formas de violência criadas para facilitar o processo colonial.

Alterada a partir de relações de superioridade *versus* inferioridade, sujeito *versus* objeto; o Eu, como centro das relações e o *Outro*, como a margem, a relação entre colonizado e colonizador passa a ser pautada, é claro, na hegemonia eurocêntrica, colocando os africanos em um local secundário e animalizado.

De acordo com Frantz Fanon, o negro e o branco representam dois polos opostos. Para o autor,

Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência [...] seus costumes e instancias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p. 104).

Assim, Achebe representa em seu romance o momento exato em que há o choque com esse outro sistema de referência. Um sistema que se dizia superior, correto e que se colocou no local central da nova relação entre povos e culturas diferentes. Na obra, há diversos episódios de violência e choque, porém, ressaltam-se aqui dois momentos cruciais: marginalização da religião Igbo e a prisão dos líderes da aldeia, sendo este ocasionado pelo primeiro.

Dentro da narrativa, percebe-se que alguns dos acontecimentos mais importantes do período de choque e consolidação do império britânico em território Igbo foram realizados pelas mãos de convertidos. Isso se dava, pois, alterar o modo como os Igbo viam a si e, principalmente, a

sua religião foi um passo fundamental para que a dialética colonial¹² funcionasse. Para Césaire, a ligação entre religião e colonização é um local de “pedantismo cristão”, pois elaborou “equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvageria” (CÉSAIRE, 2020, p. 11).

Assim, os próprios Igbo passam a exaltar a religião do colonizador, desmerecendo e desonrando a sua própria:

os missionários tentaram ultrapassar os limites. Três convertidos apareceram na aldeia vangloriando-se abertamente, a dizer aos moradores que todos os deuses estavam mortos e impotentes, e que eles, convertidos, estavam dispostos a desafiar as falsas divindades, queimando-lhes os altares.” (ACHEBE, 2009, p. 176)

Este fato configura-se como uma forte quebra da identidade da sociedade Igbo, pois esta já reconhece que a chegada do homem branco trouxe consigo as transformações mais profundas do que se poderia imaginar, levando o mundo como o conheciam a se despedaçar:

O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos, e nós nos despedaçamos. (ACHEBE, 2009, p. 198).

A chegada do colonizador, portanto, impõe uma dialética colonial. Como aponta Kilomba (2019, p. 116), essa dialética resulta em uma relação “na qual o *sujeito branco* se apresenta como a autoridade absoluta, o senhor, enquanto o *sujeito negro* é forçado à subordinação”. A subordinação coloca o *sujeito negro*, aqui representado pelos Igbo, na margem de um novo sistema, gerado e sustentado pelas relações desiguais do colonialismo.

Estar na margem, dentro da narrativa de *O mundo se despedaça* (2009), leva os Igbo a perderem o controle de suas organizações sociais e familiares. E é a partir disso que os colonizadores passam a se dar, também, o poder político através da autoridade de um juiz e de novas formas de governar.

Essa autoridade do homem branco foi divulgada como algo positivo e necessária, já que justificava as ações imperialistas e confirmava, com base no interesse colonizador, a superioridade dos europeus, pois, para eles, os colonizados eram pessoas “incapazes de falar por si mesmas, esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso” (ADICHIE, 2019, p. 19).

Ao discutir a relação de superioridade *versus* inferioridade, Fanon (2008, p. 90), chama

12 Entende-se como dialética colonial a relação contrastante estabelecida entre dois sistemas distintos no contexto colonial. No recorte desta pesquisa, essa dialética é marcada pelo conflito entre o tradicional Igbo e o moderno, trazido pelo colonizador britânico.

atenção para o fato de que “Um branco, nas colônias, nunca se sentiu inferior ao que quer que seja [...]. O colonizador, se bem em ‘minoría’, não se sente inferiorizado”. Esse sentimento de superioridade se mostra muito importante para o empreendimento colonial, pois, se o colonizador não se enxergar como superior, não haverá justificativa para as suas ações.

Nesse ponto da narrativa, com todas essas transformações, Okonkwo se encontra em um profundo estado de tristeza e raiva: “Lamentava a situação em que se encontrava o clã, dividindo-se e desintegrando-se [...]” (ACHEBE, 2009, p. 205). E é com esses sentimentos que a personagem vive dois episódios definitivos para a sua ruína enquanto indivíduo: um grande conflito religioso e a prisão.

Umuófia já não era mais a mesma, assim como Okonkwo também não era. Nesse momento, ele percebe que não há mais espaço para ele, pois o seu mundo havia sido destruído; as coisas nas quais ele acreditava já estavam se transformando; seu povo já estava se convertendo. Então, Okonkwo, que teve sua construção baseada em regras e leis tradicionais, faz aquilo que é considerado o ato mais abominável da cultura Igbo: se suicida. Ao fazer isso, Okonkwo perde todos os direitos e respeito que lutou a vida toda para conquistar.

Com isso, Achebe mostra o quanto a colonização marca profundamente um povo. No presente e no futuro. E mostra, também, o quanto os colonizadores estão acostumados a se colocarem no centro das relações, reduzindo as vidas, experiências e culturas africanas, em especial as que hoje são chamadas de nigerianas, transformando-as de acordo com os seus objetivos coloniais.

Na narrativa de Achebe, a vida do grande líder Okonkwo ocuparia um parágrafo inteiro no livro que vinha sendo escrito pelo comissário britânico, intitulado “A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger”, o qual é mais um exemplo de uma história única.

Nas palavras de Coutinho (2011, p. 9), as relações criadas a partir da colonização, muito mais do que a imposição cultural, envolvem também “uma luta num espaço mutante que dá margem a todo tipo de dominação, e ao mesmo tempo gera a possibilidade de deslocamentos e subversões”. Nesse contexto, a obra de Achebe se torna fundamental, pois se movimenta no sentido contrário à colonização, e resgata tradições, sociedades e identidades, afirmando-se sujeito e rompendo com as imagens impostas pelo colonialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste artigo foi investigar o papel da literatura na representação da relação entre colonizado e colonizador na ficção do escritor nigeriano Chinua Achebe. Destaca-se aqui que a literatura possui um enorme papel no que diz respeito à construção e reconstrução de imagens, identidades e memórias.

A partir dos interesses dos colonizadores, nasceu uma tradição literária pautada em distorcer as imagens dos povos africanos, bem como desumanizar os habitantes do continente. Essas imagens negativas, no entanto, eram necessárias para o colonialismo por dois motivos: primeiro, para legitimar as violências; e segundo, para que o colonizador se sentisse mais confortável com seus atos.

A partir da literatura de Chinua Achebe, há uma transformação na imagem criada e estabelecida pela tradição literária colonial. Achebe escreve um passado tradicional, sem os conflitos e as crises identitárias criadas pelo colonizador. Com seu romance *O mundo se despedaça* (2009), o autor possibilita o resgate de suas identidades ancestrais, tornando-as positivas e dando ao seu povo uma outra fonte de identificação.

Com isso, Achebe tira a imagem positiva dada à ação colonial e ressignifica a história e a tradição do povo Igbo. Na narrativa, o autor se preocupa em explorar muitas experiências fora do choque colonial, apresentando diversos elementos tradicionais. A partir do choque, no entanto, a sociedade, aos poucos, é transformada. E Achebe insere em seu livro as violências, físicas e simbólicas, sofridas pelo povo Igbo, bem como tradições e pensamentos que foram apagados pela a experiência com o heterogêneo, levando a uma fragmentação das identidades. Portanto, reconhece-se em Chinua Achebe, iniciador de uma nova tradição literária africana e na grandiosidade de seu fazer literário, um novo caminho para a desalienação dos africanos, levando-os a superar o trauma colonial por meio de novas identidades e da valorização das memórias ancestrais.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **Home and exile**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2000.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ACHEBE, Chinua. **A flecha de Deus**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico**: ensaios. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.
- ACHEBE, Chinua. **There was a country**: a personal history of Biafra. New York: The Penguin Press, 2012b.
- ACHEBE, Chinua. **A paz dura pouco**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.
- COUTINHO, Eduardo. Apresentação. In: BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. **A history of Nigeria**. New York: Cambridge University Press, 2008.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Florianópolis: Editora Cobogó, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. Travessias. **Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa**. Coimbra, Edição dos números 6/7, p. 15-36, 2008. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/43227>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina; Ces, 2009. p. 9-19.
- SILVA, Alberto da Costa e. Introdução: Este livro de Chinua Achebe. In: ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEREIRA, Analúcia Danilevicz. África pré-colonial: ambiente, povos e culturas. In: VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. **História da África e dos africanos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 15-55.